

“LUGAR DE NUVEM É ESTAR EM CENA TAMBÉM NA AULA”

Tânia Villarroel Andrade¹

Uma nuvem dentro de uma caixa? Paradoxo. Alusão crítica para se pensar no absurdo. O que se pode por dentro de uma caixa, em contenção, sob domínio, conservado e arquivado? Luz do sol, chuva, orvalho? Não. Ferro velho, minerais, um animal em decomposição? Sim. Mas nuvem não dá. Como a alma, ela é inaprisionável.

Roberto Gambini

Só as nuvens choram para além dos olhos. Molham a terra, evaporam, condensam, precipitam e voltam a chorar. São responsáveis pela transmutação dos estados. Estados emocionais que não *são*, mas *estão* cheios de intensidades.

Ser docente e artista, com tudo o que o olhar de um mestre deve incluir como teores afetivos, para mim é entrar em estado de nuvem. Ser capaz de verter lágrimas tanto de tristeza como de alegria. Colocar-se em jogo, sem medo do erro ou ridículo demolindo suas próprias hierarquias. Habitar sua fantasia como verdade poética. Aceitar o elemento improvisacional que a vida traz para manter-se em ressonância com sua própria energia vital.

Ensinar é entrega aos estados impermanentes que podem vir a tornar-se memória, pois jamais saberemos o que permanece ou resiste ao tempo. É estar em cena, em improvisações, correndo riscos emocionais e partilhando dúvidas sobre o caminho a seguir, invadido por algo mais urgente do que o programado em qualquer instante, que podemos transformar um roteiro em algo criativo. Os elementos presentes em aula – sejam estas pessoas, conteúdos, objetos, demandas, atividades, planejamentos, leis ou regras que podem contrariar algumas relações prazerosas, são todos parceiros de cena da possibilidade inusitada da criação. Podem tornar-se escadinhas do riso, do choro, do grito ou do espanto – se assim lhes for permitido pela imaginação e novas negociações que surgem de uma afetividade que está em movimento e se modifica na relação com as pessoas que contribuem para as percepções de um grupo. Todos os imprevistos podem ser fios condutores; *quiprocós* podem trazer outra dimensão de um determinado conteúdo; e às vezes até, iniciativas que resultem num fracasso, podem renascer como uma peripécia de um mestre de cerimônias que, sem pretensões acaba por divertir e ensinar pelo improvisado e o faz com tanta alegria que educa sem dar-se conta, pela qualidade transitória da emoção. Transgredindo condicionamentos desnecessários faz brotar um saber sensível que impressiona o corpo e fica gravado na memória com integralidade. Ser educadora para mim não é força, é jeito; é qualidade de toque no olhar: que aqui significa tanto ponto de vista, opinião, como tocante atitude de comunicação, onde um gesto pode trazer a dimensão de ampla história.

A docência é como jogar semente na terra preparada com tudo dentro. Porém, sem água, a fecundação do conhecimento não se dá. Sem afetividade as relações não se consolidam e nem se poetizam, não há espaço para o que é diferente no outro, só o igual no grupo – e assim esterilizamos as relações e, com isso os procedimentos ou atividades perdem todo sentido. A ausência de vínculos é o que compromete as aprendizagens, não a ordem dos conteúdos.

A afetividade é um espaço invariável de instabilidades criado pelas pessoas: não é um conceito. Ser amoroso, disponível e ativo de forma recíproca nada tem a ver com bom

¹ Universidade Estadual de Campinas. Campinas/São Paulo/Brasil. E-mail: tanvillarroel@gmail.com.

comportamento, obediência e submissão. Tem a ver com sinceridade nas sensações e honestidade nas atitudes: é uma disposição para intercambiar sem condições prévias e sem burocracias, muito menos hierarquias. Afetividade é toda uma gama de sentimentos que faz parte das aprendizagens de forma intrínseca, é ela que nos move em atitudes e define os vínculos como afastamentos ou aproximações em diversas tonalidades. O ambiente afetivo é um florescer que se faz presente entre seres que antes de corresponderem indicadores de qualquer avaliação, vibram desse nascer junto que vem da criatividade: é um encontro em estado bruto de alma com alma, dado e vivido na fresta da fragilidade, de trocas delicadas, de um lugar sem respostas prontas, que se regenera ao se relacionar com o outro. Não prende suas conquistas em gaiola, pois estar com o outro reflete seus próprios talentos, não é uma ameaça, muito menos competição.

A água é parte da emoção e pulso de vida: gota de alquimia de relações multicoloridas, cheias de tons e sobretons, sustentados e *degrades* - necessárias não a uma evolução, mas a uma maturidade desejada dos envolvidos no processo. Conhecimento é feito de entregas voluntárias em tempo presente, não obrigatoriedades.

Não posso definir o que faz de uma aula algo que dá certo, mas criar ambiente emocional constitui prioridade para proporcionar uma experiência que transmita segurança para todo e qualquer tipo de mudança de planos inspirando confiança coletiva. Somos referências, não alicerces. Temos como papel mostrar: demonstrando em ações e aceitando nas atitudes, a inexorabilidade da instabilidade, pois ela faz parte da vida mais tempo do que o planejado. Flexibilidade é condição de salubridade, sanidade e de permanência de nasceres. Preservação de vida não tem a ver com moralidade, mas com diversidade de procederes, reações e inter-relações entre os seres envolvidos num determinado ambiente, que se propõe como pedagógico. É na relação que se nasce, nos espaços entre as variações de comportamento e nas variantes das escolhas. Garantir espaço para toda e qualquer manifestação de criatividade e inventividade é o nosso papel e não a manutenção de condicionamentos. Ninguém cria vínculos se não se sente minimamente aceito ou acolhido em algo. O negar pode fazer parte da afetividade, mas a intransigência não estabelece trocas energéticas – é equivalente a um bloqueio, onde nada passa e nem modifica. Só cristaliza, isola e encapsula de forma categórica.

Para a atriz, estar em cena é estar pronta e disponível, porém, sempre para fantasiar. Fazer pactos ficcionais, sem consequências aparentes, só criativas. Criar na arte é organizar sem preocupação com o que os outros pensam de nós; meu objetivo é entrar em contato com meus próprios limites emocionais - não penso em agradar ninguém enquanto crio, estou em devaneio. Já para a relação pedagógica, existe um produto e algo se modifica no ato de confiança que vem de um contexto desfavorável. Não ter resposta, pode fazer uma tentativa diferente nascer, mas isso não é condição prévia. Porém não estamos separados dentro de nós: esse é um dos pontos que me unem como atriz e educadora, pois me condenso como uma só energia. Ambas quando improvisam não tem respostas prontas, apenas um fio condutor ou uma regra de jogo. Por que a educadora deveria abrir mão da atriz em sala de aula?

Criatividade não se move por certezas e sim por imprevisibilidades vindouras, ainda não configuradas que nos desenvolvem exatamente em nossos pontos de vulnerabilidade. Confiança move-se dentro de um campo sutil: está para além das aparências. Não falo de confiança dita da boca para fora, mas da que é combinada no silêncio. Decisões tomadas sem julgamentos e que se nutrem do próprio movimento das ações e assim emergem como atitudes compartilhadas, decididas no instante.

É preciso estar aberto a amplo estado de vazio em sala de aula. Aceitar que a resposta disponível dentro de nós no processo é a única resposta que podemos dar naquele instante. Ter a imediata generosidade de abrir-se a um caminho inverso que é criado exatamente ali: não se trata de nenhuma habilidade em especial ou extraordinária, ela pode ser desenvolvida por toda

e qualquer pessoa - se trata de interpretar com prontidão os próprios sentimentos, fazendo-os conversar com interesses do contexto, aqui e agora.

Ser capaz de lançar-se à interrupção do cotidiano, mesmo com objetivos traçados. Interrupção não como pausa ordinária, mas como nascimento de energia extracotidiana. Estar em cena: nem mais para direita ou para esquerda, nem mais para cima ou para baixo, num lugar bem dentro de si - mas que também não era no meio de nada, pois é feito de energia que permanece na totalidade apesar de todas as intempéries. Essa energia nos faz uno, não sentimos que abrimos mão do que somos para ser algo que nos contraria. É na adversidade que encontramos a parte que mais importa para nós, a dificuldade traz o essencial se baixamos o nível de exigência - não com o outro, mas com nós mesmos. O planejamento é um mapa que contém pistas do tesouro, não verdades: ele é autorização para o lúdico. A manifestação do mental em linguagem deveria permitir espaço para as dissonâncias, não engessar procedimentos.

Estar em zona de magnetismo, onde as forças não atuam: não somente é possível *estar* com todos os meus sonhos, mas eu posso *ser* nuvem e estar entregue para algo surja. Não se trata de ser atriz *ou* professora: é ser palhaça *e* educadora. É como na vida, não é preciso abrir mão de ser nuvem em nenhum lugar que se vá: aliás, isso não é possível, portanto não deveria ser um objetivo da escolarização/profissionalização de ninguém. Este é um princípio de aniquilamento da personalidade e do mutilar das qualidades que poderiam ser desenvolvidas em cada vocação. No afã de moldar, sob qualquer argumento, a escolarização/profissionalização está abrindo mão do que há de melhor em cada um - tanto adultos como jovens, alunos (as) ou professores (as).

O corpo não é uno sem um órgão ou parte dele, a vida pulsa na integridade. A autenticidade passa por todas as experiências vivenciadas. Não abro mão de mim: porque sem coerência ou legitimidade de ações, não há autenticidade e tampouco posso estar com o outro, pois abri mão de mim, que é o mais importante, porque condição para vínculos. Isso passa, em princípio, por perceber-se como um só corpo com infinitas camadas e sensações. É incluir, não corrigir - valorizando saberes.

O estado de nuvem pode nos auxiliar em diluir a ideia de que fechar a porta de uma sala de aula e cumprir o planejamento dentro do tempo esperado garante a eficiência da comunicação que um docente pensou a priori numa experiência que deveria ser compartilhada e não imposta. Lidamos com pessoas, não máquinas. Para as pessoas existem vários tempos, não só o do relógio. As emoções são encurraladas, negadas e ignoradas na maior parte das vezes. Não há tempo, nem espaço para dar vazão a elas se passamos a considerar a aula um espaço para cumprir metas em lugar de estabelecer relações.

Ambientes escolares defendem generalizações humanas através da medicalização ou do uso de termos que designam qualquer comportamento que afeta a rotina como síndromes ou doenças. A aprendizagem está exilada do erro ou não pode arranjar nenhuma brecha em novos modos de explicar um acontecimento: isso mata a relação pedagógica e toda sua possibilidade criativa. É recorrente que em espaços educacionais ainda tenhamos que enfrentar muitos preconceitos. O próprio discurso da segurança ou de formar para o futuro já justifica muitas imposições desnecessárias para moldar o comportamento: a meta é a esterilização dos sentires, esvaziando qualquer tentativa de expressão dos envolvidos (as) - refiro-me sempre a alunos (as) e professores (as); pois tem que consolar-se com um ideal de normalidade impossível de alcançar. O espaço para o erro tem sido deslocado para falsos propósitos de preservação das relações, como por exemplo, o modismo e exagero do *bullying* - visto que passam a ser argumentados em prol do controle, principalmente corporal.

Sem espaço para sombras, ninguém corresponde ao cotidiano. Resultado: insatisfação, adoecimento e frustrações. Respostas insuficientes não para conteúdos programados, mas conteúdos emocionais congestionados - que bloqueiam o curso das relações e, por

consequência, o programa do calendário. Seria simples se fosse uma questão funcional, máquinas resolveriam. O que adocece os ambientes pedagógicos é a mesma força que faz com que os docentes não possam deixar de existir: é a afetividade.

Considerando que admitir que ambas as partes possam ter bloqueios em diferentes momentos, tanto alunos (as) como professores (as), a relação de poder pode se desfazer - nasce então uma relação onde papéis são atribuídos, mas sem necessidade de hierarquias ou autoritarismos. Para isso é preciso sair dos automatismos, duvidar dos procedimentos ou regras e não querer impor fórmulas de sucesso: improvisar entre as nuvens. Aprendizagens não ocorrem na linearidade, mas no entre das ações e das relações.

Se isto está interiorizado, assimilado e incluído em nossas personalidades e processos de amadurecimento, o fracasso não será erro, será parte dos ingredientes para poder estar em relação com os próprios sentimentos e suas variantes e variações. O olhar humano virá primeiro do que aquele que serve aos resultados. Gastaremos mais energia em observar como passamos pelos processos do que duvidando das habilidades de todos (as) e entre todos (as) com desculpas avaliativas.

A humildade não ocupará um espaço a mais de uma aula ou não significará uma habilidade sobrenatural a ser atingida. A ideia de encontro de dissonâncias em busca de uma só vibração será mais importante que homogeneizar reações. E não será uma vergonha ou constrangimento admitir ignorância - nem de um lado como de outro - visto que a partilha será a prática de multiplicar energias e relações afetivas. Enquanto não for aberta a possibilidade de discordância como prática de afetividade e escolha de partilha, nenhum método ou didática terá vida.

Tudo muito poético, mas dá mais trabalho. Não porque seja realmente trabalhoso, mas porque é como um músculo que nunca usamos – em princípio causa incômodo, mas com o tempo, o corpo percebe que o que existia antes era uma sobrecarga, pois os trabalhos eram centralizados e não compartilhados. Quando dividimos e delegamos talentos, todos podem entrar em contato com seu poder de criação, que está fora da lógica de poder, porque cada um cria e contribui de forma diferente. Todos são valorizados, pois cada um tem um timbre de expressão, um jeito de compreender o contexto e uma forma de solucionar conflitos. Com tempo para entrar em contato com eles é possível um posicionamento confortável, mesmo que nem sempre concordante com o grupo. Relações quando ganham vida, aceleram o processo de aprendizagem; ganhamos tempo porque compreendemos o sentido de um movimento que passa a ser não só individual, mas coletivo. É por aí que começa a sustentabilidade: no equilíbrio de forças emocionais, onde nuvem é pista, não verdade. O caminho está sempre por ser feito: a água é um elemento que está sempre em trânsito numa nuvem. A emoção veicula, não soluciona, não é regida pelas normas da eficiência.

Referências

GAMBINI, R. Com a cabeça nas nuvens. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 149-159, ago. 2010.

LARROSA, J. **A pedagogia profana**: Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1963.